

PARA QUE A ESCOLA NÃO SEJA SÓ PARA ALGUNS

Luís Violante, Florentino Silva, Fátima S. Pereira
Maria João Caçanheira, Eva Temudo

É inquestionável a presença nas escolas de manifestações e práticas culturais denunciadoras de resistências aos conteúdos propostos e marginais ao contexto social e que a sua ignorância traduz um desinteresse por franjas da população juvenil. A dúvida é como atender aos problemas da multiculturalidade e garantir a todos o direito à educação, não só no que diz respeito ao garante das "acessibilidades" mas também no que concerne a asseverar que serão proporcionadas todas as condições para que a "viagem" seja bem sucedida a todos e a cada um.

São inúmeros e quotidianos os casos reais que atestam a dificuldade em dar resposta aos problemas levantados pela multiculturalidade e independentemente das argumentações dos intervenientes e da sua pertinência relativa - considerando as polaridades culturais -, a ocorrência de tais situações espelha quase sempre a ignorância e imposições mútuas. Apesar de constantemente invocado, não é difícil perceber que também o bom senso é relativo, nomeadamente quando se degladia entre questões de arbítrio cultural. A escola labuta num paradoxo, quando questiona as normas culturais de outrém mantendo intramuros uma espécie de cegueira que repudia tudo quanto não corresponde ao padrão cultural típico.

Considerando que a educação não se resume às questões da aprendizagem, pretende-se com esta comunicação alinhar algumas ideias a propósito de uma concepção de escola viva, atenta e igualitária.

A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NAS REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES

António Gomes Ferreira

Jorge Manuel Ribeiro Pereira

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Esta comunicação assenta numa investigação mais abrangente e apresenta resultados obtidos por entrevista, num estudo de carácter exploratório, seguindo uma metodologia qualitativa, a uma amostra de 20 professores de escolas do 2º Ciclo do Ensino Básico da cidade de Coimbra.

Pretendeu-se perceber quais os mecanismos que presidiram à formação das representações, ou seja, que factores preponderantes induziram a criação das imagens que os professores revelam. Os registos catalogados nesta dimensão foram analisados segundo quatro subcategorias: a objectivação e ancoragem, a indução contextual, a indução social e a indução cultural.

Verificou-se um pendor negativo em relação à formação das representações, que pode estar a apontar para o facto de as representações estarem a ser induzidas por factores com carácter negativo ou avaliados negativamente, o que não deixa de ser preocupante.

Apesar do reconhecido esforço de construção de uma imagem da escola como comunidade com autonomia, contrariando a anterior, centralizadora, da escola como serviço local do Estado, percebe-se que os contínuos avanços e recuos da organização escolar e das estruturas (des)multiplicadoras do poder têm pesado negativamente na construção dessa autonomia, com